

IMERSÃO NARRATIVA E TECNOLÓGICA: CONSIDERAÇÕES SOBRE POTENCIALIDADES RADIOFÔNICAS COMO TECNOLOGIA EDUCACIONAL NA CONTEMPORANEIDADE

Caio Túlio Olímpio Pereira da Costa (1)

Universidade Federal de Pernambuco. caiotulicosta3@gmail.com

Introdução

Se vivencia na contemporaneidade uma constante imersão tecnológica dos indivíduos em diversas instâncias e contextos que modificam as esferas sociais, culturais e comportamentais. Essa ação, multidisciplinar, se substancializa em técnicas, ferramentas e aparatos que reorganizam o modo como interpretamos e agimos no mundo.

Os sustentáculos que permitem as novas relações e conexões tecnológicas oriundas dessa imersão transformam o conhecimento para além de um conteúdo estático e/ou analógico, dotado de dinamismo particular. Muitas vezes, de forma ubíqua, fazer parte da cultura digital implica na absorção e recombinação da informação, que de certo modo fomenta e enaltece a criatividade, que se concatena em produção de ideias e novos conhecimentos.

Logo, partindo do pressuposto de que a criação reforça a sociabilidade de indivíduos conectados, uma das formas de externar esse fenômeno se deu a partir da necessidade de se modernizar os processos de aprendizagem a partir de unidades de ação coletiva que constituem redes.

Através de tecnologias que trazem possibilidades de expressão artística e cultural e técnicas de Comunicação que informam, engajam e inovam, os caminhos ofertados pela modernização do entendimento do rádio e a difusão radiofônica dos *podcasts* transformaram processos educacionais e atendem gerações que encontram nesse caminho midiático a contingência de representatividades com seus semelhantes.

Logo, a partir desse quadro que se transforma a cada dia, é intento da pesquisa compreender essa mudança e transição, assim como trazer exemplificações das potencialidades radiofônicas da contemporaneidade e suas possíveis utilizações no contexto do ensino-aprendizado.

Portanto, discutir sobre o tema é pertinente por se tratar de uma responsabilidade do contexto educacional. Considerar essas recentes maneiras de se comunicar, aprender e educar é relevante. De um lado, as ferramentas tecnológicas, do outro, uma gama de possibilidades que acompanham as constantes mudanças do contexto conectado.

Considerando essa transformação do rádio, a pesquisa tem objetivo, também, de referenciar como o cenário de evolução tecnológica e potencialidade radiofônica se desdobra no digital garantindo a imersão tecnológica e narrativa para o contexto educacional.

Metodologia

A metodologia adotada foi delineada por um plano de pesquisa que refletisse a consolidação da mídia radiofônica podcast através de elaboração de um breve resgate histórico que pudesse situar a necessidade de se expressar e comunicar no contexto contemporâneo. Além disso, exemplos da prática dessa mídia foram explorados para que se compreenda melhor sua atuação no ciberespaço, enaltecendo suas possibilidades, flexibilidade

e potencialidades não apenas no contexto educacional, mas no amplo das tecnologias da informação e da comunicação.

Resultados e Discussão

A ideia de narrativa está presente na cultura do homem desde os seus primórdios, nas primeiras civilizações. Através de gestos, grunhidos e pinturas rupestres, por exemplo, era possível representar a cultura de uma época. A necessidade de se expressar e se comunicar se firmava como forma de perpetuar a espécie.

De acordo com Cagliari (2009), os primeiros indícios de sistemas de escrita originaram da Suméria e foram influenciados pelos povos da Mesopotâmia. E é registrado em muitos documentos que essa escrita já estava estabelecida no século XIII a.C. Esse período se desenvolveu até os tempos da prensa de Gutemberg na Alemanha de 1450, onde a produção em escala da narrativa se firmava. Até que na contemporaneidade, com a inserção de diversas outras tecnologias para se explorar a narrativa, os sustentáculos tecnológicos substancializaram a necessidade de se expressar em novos aparatos e contextos, levando esse processo a um patamar mais expressivo, o digital, que também afetou o rádio e a educação.

Murray (2003) afirma que imersão é a experiência de ser transportado para um lugar primorosamente simulado. Já Santaella (2005) complementa que a tecnologia, quando ubíqua ou não, tende a pôr o homem em situação de fascínio. Se esse processo, que permeia nossa atual conjuntura social em grande escala, pode enaltecer esse polo nas subjetividades do indivíduo, há então uma integração do real e virtual que perpassa os modelos do rádio tradicional como conhecemos.

As interconexões, comunidades virtuais e a ideia de inteligência coletiva trouxeram uma sociedade em rede, um estreitamento de laços e uma sociabilidade acentuada. Já não é possível integrar essas tecnologias digitais de informação e comunicação com pensamento analógico.

A audiência moderna é potente. E esse quadro permite que a mesma ressignifique as mensagens que recebe, transformando os papéis de receptor e emissor. Quando esse contexto ocorre no ciberespaço, que para Lévy (2010) é o universo oceânico de informação que age como infraestrutura da comunicação digital, o dinamismo e acessibilidade que já caracterizavam o rádio se elevam ainda mais, podendo atingir potencialidades educativas e desenvolvimento de metodologias de ensino a partir da flexibilidade e criatividade.

Nos parâmetros curriculares nacionais, o MEC atesta o rádio como instrumento que mobiliza o processo de percepção sonora e imaginativo visual dos usuários, fazendo com que se possa construir a própria realidade. Nessa instância, se há a possibilidade de processos imersivos e fascínio natural pela tecnologia, quando o rádio ultrapassa a necessidade de funcionar exclusivamente por uma frequência sintonizada em aparelhos, acarreta em novas significações no modo de compreender e encarar essa mídia.

Surge então a podosfera, um espaço agregador de tecnologias de oralidade distribuídas integralmente no meio digital, através de sites específicos na internet em fluxos de expressões distintos. Essa ambiência conectivista, nascida do rádio e vertente potente da mesma mídia, torna-se mais que a simples conceituação de programas de rádio na internet.

Os podcasts, unidades dessa tecnologia de oralidade, são emissoras radiofônicas flexíveis onde se é possível acessar o cerne a qualquer momento, como um programa de difusão de conteúdos atemporais separado por temas, linhas editoriais e métodos de produções. Todos podem ser produtores de conteúdo e não apenas receptores, característica dessa audiência potente. Para produzir um podcast, por exemplo, basta gravar um arquivo de áudio em formato de programa e compartilhá-lo digitalmente em plataformas como redes

sociais. A interatividade desse meio conectado se dá pelas possibilidades de comunicação horizontal entre as tecnologias e seus usuários.

A critério de exemplificação, o podcast Educast, que foi criado em 2013 pela Revista Nova Escola, levou para a podosfera a discussão e debate sobre a educação, a fim de dar voz ao professor brasileiro. Nos programas são tratados tópicos como inclusão digital e projetos metodológicos. Apresentados por Laís Semis e Marina Lopes, o Educast ainda traz debates e rodas de conversa com especialistas, familiares, estudantes e demais indivíduos que participam do espectro educativo.

Já o podcast Caixa de Histórias, criado em 2015, trata da literatura, língua portuguesa e narrativas literárias a partir da dramatização em áudio de livros, algo que fomenta o imaginário visual e auditivo em contexto educativo. Apresentado semanalmente por Paulo Carvalho, o podcast tem também como objetivo mostrar novas formas de se consumir o conteúdo escrito.

Por último exemplo, faz-se interessante mencionar o Anticast, criado em 2011 por Ivan Mizanzuk, Marcos Beccari e Rafael Ancara, que através de uma visão crítica e questionadora aborda temas como política, consumo, filosofia, cultura e comportamento. No próprio podcast, de periodicidade quinzenal, há uma programação especial chamada “Não Obstante”, que traz convidados de reconhecimento acadêmicos para discutir as temáticas, em parceria com o portal Filosofia do Design. Ainda, há também o braço “Projetos Humanos”, que se utiliza de técnicas de contação de histórias para promover uma imersão em histórias reais, que são contadas no podcast por pessoas reais. A primeira temporada, que é intitulada “As Filhas da Guerra”, por exemplo, foi apresentado a história de Lili Jaffe, ex-prisioneira de Auschwitz. Já a segunda, “O Coração do Mundo”, aborda relatos de brasileiros que vivem no oriente médio e tiveram suas rotinas afetadas por conflitos militares e políticos, além de contar com o poder de voz para refugiados.

Os podcasts se mostraram ferramentas úteis no contexto educacional por trazerem dentro do mundo conectado uma representatividade que antes não se via de forma acentuada no rádio analógico tradicional. O dinamismo dessa mídia, sua flexibilidade e métodos distintos de produção marcaram sua consolidação na contemporaneidade. Com todo indivíduo tendo a oportunidade de se tornar um produtor de conteúdo em potencial na podosfera, as noções de empoderamento, reforço e desenvolvimento de identidade, espaços para enaltecer pertencimento, a formação de inteligência colaborativa e criação de cultura da participação reforçaram todo esse quadro contemporâneo, enaltecendo os processos de ensino-aprendizado.

PALAVRAS-CHAVES: Tecnologia Educacional, Rádio, Imersão, Cibercultura.

Referências

ANTICAST. **AntiCast**, <http://anticast.com.br/>. Acessado em 30 de junho de 2018.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **A História do Alfabeto**. São Paulo: Paulistana, 2009. 108 p.

CAIXA DE HISTÓRIAS – B9. <https://www.b9.com.br/podcasts/caixadehistorias/>. Acessado em 30 de junho de 2018.

EDUCAST. **Mundo Podcast**, <https://mundopodcast.com.br/teiacast/educacao/educast-2>. Acessado em 30 de junho de 2018

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010. 270 p.

MURRAY, Janet H. **Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. Tradução: Elissa Khoury Daher e Marcelo Fernandez Couzziol. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **Os espaços líquidos na cibermídia**. In: Revista Compós. Abril de 2005